[english version bellow]

O que é a Museografia?

A disposição destes objetos parece-lhe familiar? Recorda algo que tenha visto na primeira sala de exposições, semelhante a esta montagem? Talvez seja uma disposição confusa e isso tenha dificultado a sua leitura dos objetos expostos; ou, por outro lado, tenha apreciado esta composição mais cenográfica.

Tudo depende da opção museográfica adotada para a montagem desta secção da exposição. A Museografia trata-se da prática que conjuga as exigências de conservação da coleção de um Museu, a narrativa implícita à sua exposição e, ainda, a forma como a mesma se apresenta. Cabe à Museografia assegurar a mediação dos conteúdos e discurso que resulta da coleção do Museu, através dos seus objetos, da forma como se conjugam no espaço expositivo e, também, garantir a comunicação de toda essa informação para o público.

Nesta secção da exposição optámos, deliberadamente, por reinterpretar a montagem do Museu Municipal Azuaga, usando como fonte as imagens que conhecemos desse mesmo espaço. Na verdade, nesta época não se tinha desenvolvido ainda a Museografia como área de estudo e trabalho autónoma para que se estabelecessem os critérios pelos quais, atualmente, os Museus procuram guiar as suas exposições. O que sucedia, recorrentemente, era seguirem-se a sensibilidade e gosto pessoais dos colecionadores, conservadores de Museus ou outros profissionais, como cenógrafos. De forma mais ou menos consciente, dispunham os objetos pelo espaço expositivo, muitas vezes valendo-se das suas características formais e potencialidade cénica em detrimento de uma organização que valorizasse a sua verdadeira compreensão, o potencial educativo do Museu ou reflexões que a partir dos mesmos se procurassem suscitar.

Em casos como o da Coleção Marciano Azuaga, evidenciava-se ainda uma outra limitação: o lugar de implementação do Museu. Entre o apartamento inicialmente utilizado para exposição da coleção e o andar da rua da Fervença, onde se instalou o Museu Municipal

Azuaga, denota-se a ausência de uma reflexão crítica sobre as alterações expectáveis sobre uma Coleção particular que então passava a ser a Coleção de um Museu público. Os critérios orientadores deste espólio enquanto coleção privada consistiam, sobretudo, no gosto e interesses do colecionador, mas também na oportunidade de incorporação de objetos oferecidos por doação. Serão estas as orientações que revertem para o espaço expositivo e que se mantiveram na montagem do Museu Municipal, não obstante a participação de Rocha Peixoto na sua organização – figura fundadora da Sociedade Carlos Ribeiro e da revista *Portvgália*, responsável pelo Gabinete de Mineralogia, Geologia e Paleontologia da Academia Portuense e, ainda, diretor da Biblioteca Pública e Museu Municipal portuenses.

Em ambos, o espaço disponível era simultaneamente espaço expositivo e de reserva, sem consideração para a necessidade da sua autonomização, do que resultou uma montagem invariavelmente confusa e potencialmente danosa para os objetos – alvo das críticas coevas levantadas por José Fortes, atribuíveis, em parte, ao colecionador que "à generosidade da offerta quis aditar a obsequiosidade da disposição, orientada a seu modo".

> "Sem casa propria; occupando um burguesissimo andar perdido entre as ingremes ladeiras da meia encosta villanovense; sem mobiliario apropriado, os objectos exhibem-se numa curiosa e indisciplinada confusão – no fundo de velhas montras, a correr com os rodapés, a trepar pelas paredes, a invadir os tectos, acotovelando-se numa desesperada lucta pelo espaço defficiente, em promiscuidade descerimoniosa, interpolados, dispersos, deslocados!" (Fortes, 1909)

Nesta secção da exposição decidimos abordar esta questão, através de um compromisso: optar por uma montagem visualmente próxima da prática oitocentista (tal como a do Museu Municipal Azuaga de 1905), mas optando por a cingir a objetos cuja matéria, técnicas e produção os correlacionam, bem como ao restante discurso narrativo da exposição.

Procuramos que a mesma interpele o visitante: apoia a sua compreensão dos objetos? Promove o seu enquadramento na época a que a coleção reporta? É visualmente cativante? Ou a sobreposição de referências dificulta a sua leitura?

Com base nestas questões, lançamos o desafio ao visitante: pensar e debater sobre o espaço expositivo e o que o mesmo implica para uma exposição. Se quiser, envolva-nos na discussão! Fale com os nossos colaboradores, guias ou através dos contactos institucionais do Solar Condes de Resende!

What is Museography?

Does the arrangement of these objects seem familiar to you? Do you remember anything you saw in the first exhibition room, similar to this setup? Perhaps it is a confusing arrangement, and this has made it difficult for you to read the objects on display; or, on the other hand, maybe you appreciated this more scenographic composition.

It all depends on the museographic option adopted for the assembly of this section of the exhibition. Museography is the practice that combines the conservation requirements of a Museum's collection, the narrative implicit in its exhibition and, also, the way it is presented. It is up to Museography to ensure the mediation of the contents and discourse that results from the Museum's collection, through its objects, as they are combined in the exhibition space and to guarantee the communication of all this information to the public.

In this section of the exhibition, we deliberately chose to reinterpret the assembly of the Azuaga Municipal Museum, using as source the images we have of that same space. In fact, in its time, Museography had not yet developed as an area of study and autonomous work to establish the criteria by which, today, Museums seek to guide their exhibitions. What recurrently happened was that the personal sensibility and taste of collectors, museum

curators or other professionals, such as set designers, became the guidance for such works. Some more, other less conscious, they arranged objects throughout the exhibition space, often making use of their formal characteristics and scenic potential to the detriment of an organization that valued their true understanding, the educational potential of the Museum or reflections that they sought to arouse.

In cases such as that of the Marciano Azuaga Collection, another limitation was evident: the space where the Museum was implemented. Between the apartment initially used for the exhibition of the collection and the floor of Rua da Fervença, where the Azuaga Municipal Museum was installed, there is an absence of a critical reflection on the expected changes in a private Collection that then became the Collection of a public Museum. The guiding criteria of this collection when private consisted, above all, in the taste and interests of the collector, but also in the opportunity to incorporate objects offered by donation. These were the guidelines that reverted to the exhibition space and that were maintained in the assembly of the Municipal Museum, despite the participation of Rocha Peixoto in its organization – founding figure of the Carlos Ribeiro Society and the *Portvgália* magazine, responsible for the Office of Mineralogy, Geology and Paleontology of the Porto Academy and also director of the Public Library and Municipal Museum of Porto.

In both cases, the available space was considered both as exhibition and reserve space, without consideration for the need for its autonomy, which resulted in an invariably confusing and potentially harmful assembly for the exhibited artifacts – the target of coeval criticisms raised by José Fortes, attributable, in part, to the collector who "to the generosity of the offer wanted to add the obsequiousness of the arrangement, oriented in its own way".

> "Without a home of their own; occupying a very bourgeois floor lost among the steep Villanovense half slope; without appropriate furniture, the objects are displayed in a curious and undisciplined confusion – at the bottom of old shop windows, running with the baseboards, climbing the walls, invading the ceilings, jostling in a desperate

> struggle for the deficient space, in deserimonious promiscuity, interpolated, dispersed, displaced!" (Fortes, 1909)

In this section of the exhibition we decided to address this issue, through a compromise: to opt for a montage visually close to nineteenth-century practice (such as that of the Azuaga Municipal Museum of 1905), but choosing to limit it to objects whose material, techniques and production correlate them, as well as to the rest of the narrative discourse of the exhibition.

We try to make it question the visitor: does it support your understanding of the objects? Does it promote its framing in the era to which the collection relates? Is it visually captivating? Or do the overlapping references make it difficult to read?

Based on these questions, we challenge the visitor: to think and debate about the exhibition space and what it implies for an exhibition. If you want, involve us in the discussion! Talk to our staff, guides or through our contact channel!